



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

STHERFFERSON JOSÉ BARBOSA DA SILVA

**A LINGUAGEM DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

STHERFFERSON JOSÉ BARBOSA DA SILVA

**A LINGUAGEM DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586I Silva, Stherfferson Jose Barbosa da
A linguagem da literatura de cordel como recurso didático no ensino da geografia nos anos finais do ensino fundamental [manuscrito] / Stherfferson Jose Barbosa da Silva. - 2016.
32 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. David Luiz Rodrigues de Almeida, Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia 2. Literatura de cordel 3. Linguagem
4. Recurso didático I. Título.

21. ed. CDD 372.891

STHERFFERSON JOSÉ BARBOSA DA SILVA

A LINGUAGEM DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO
ENSINO DA GEOGRAFIA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Licenciatura
Plena de Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do Grau de Licenciatura Plena em Geografia.

APROVADA EM: 26/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

David Luiz Rodrigues de Almeida
Prof. Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida
(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Angélica Mara de Lima Dias
Prof. Ms. Angélica Mara de Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marília Maria Quirino Ramos
Prof. Ms. Marília Maria Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus filhos, minha esposa,
à minha mãe e ao meu pai (*in memoriam*), DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Juliane, minha companheira que sempre esteve ao meu lado me apoiando na vida pessoal e acadêmica.

Aos meus filhos, Júlio e Arthur, razão maior para eu sempre está em busca do melhor para vocês.

Ao meu pai (*in memoriam*) e minha mãe, que me educaram e me encaminharam para o caminho do bem.

A Agnildo, meu maior incentivador, que sempre me apoiou a seguir o caminho do conhecimento.

À minha sogra, Maria, por me ajudar dando o apoio necessário nos momentos que precisei.

Às minhas cunhadas, Jacilene, Juciely e Jacicleide, que tanto me ajudaram.

Ao meu orientador, David Luiz, que foi determinante para a conclusão desse trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ÓPTICA DO PCN DE GEOGRAFIA.....	10
	2.1 Os temas transversais na Geografia escolar.....	12
	2.2 A pluralidade cultural como proposta de transversalidade a partir do PCN de Geografia.....	13
3	TRAJETÓRIAS E GÊNESIS DA LITERATURA DE CORDEL.....	15
	3.1 O surgimento da Literatura de Cordel na Europa.....	15
	3.2 A chegada do Cordel no Brasil.....	15
	3.3 A contribuição da Literatura de Cordel para educação social.....	19
	3.4 A chegada do Cordel na sala de aula.....	20
4	PROPOSTA DO GÊNERO LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA.....	21
	4.1 As categorias geográficas no Folheto de Cordel.....	24
	4.2 A proposta da construção do Cordel a partir do professor.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	31

RESUMO

SILVA, Stherfferson José Barbosa da. **A LINGUAGEM DA LITERATURA DE CORDEL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DA GEOGRAFIA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Artigo (Graduação) UEPB. Campus I, CEDUC. Departamento de Geografia. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande-PB, 2016, 32. p.

O presente artigo tem como objetivo apresentar o emprego da Literatura de Cordel como recurso didático para as aulas de Geografia enquanto proposta para o professor de Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental. Proposição que pode tornar as aulas de Geografia mais prazerosa, tentando romper com ensino voltado apenas para memorização e descrição dos conteúdos em sala de aula. A pesquisa bibliográfica sobre a Literatura de Cordel mostrou o quanto esse gênero popular contribuiu no processo de educação do povo brasileiro, tanto no modo de alfabetizar, quanto na contribuição da cidadania, por abordar temas como política, desigualdade social, dentre outros que fazem parte de práticas socioespaciais cotidianas. Destarte, o folheto de cordel está firme nas nossas relações humanísticas, assim como no espaço Geográfico. Logo a sua utilização como recurso didático em sala de aula poderá contribuir para o ensino de Geografia, além da manutenção e valorização da cultura popular nordestina.

Palavras – chaves: Literatura de Cordel. Ensino de Geografia. Cultura nordestina.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos da importância dos recursos didáticos no ensino da Geografia, e que esses recursos são capazes de oferecer ao professor a possibilidade de tornar as aulas de Geografia mais prazerosas. Para utilização desses recursos é necessário também que o professor se liberte das práticas tradicionais desse ensino, voltada apenas à memorização e descrição dos espaços, ou seja, de um ensino que não possibilita uma reflexão acerca do espaço vivenciado pelo aluno no seu cotidiano.

Neste contexto, apresentamos a Literatura de Cordel como uma proposta de recurso didático para o ensino da Geografia pelo fato do cordel apresentar temáticas que se aproximam da realidade do aluno. Ela também proporciona uma leitura prazerosa em forma de versos cantados ou rimados, podendo levar o aluno a compreender de forma mais simples os conteúdos de Geografia na sala de aula, assim como, contribuir para a manutenção desse gênero literário que faz parte da cultura popular nordestina.

A Literatura de Cordel se torna um gênero literário popular pela forma de como era vendido assim que chegou ao Brasil. Os livretos eram comercializados em feiras e mercados, pendurados em barbantes. Para a escolha da temática não há fronteiras, existem diversos temas que incluem acontecimentos do cotidiano, fatos históricos, misticismos, religiosidade, fenômenos geográficos capazes de chamar a atenção do leitor.

A motivação acerca do objeto do estudo é fruto de uma paixão de infância pela Literatura de Cordel. Essa ligação pessoal e muito íntima com esse gênero literário popular me influenciou para esta pesquisa acadêmica. Sendo assim foram levantadas algumas hipóteses de como a Literatura de Cordel poderia ser um recurso didático no ensino da Geografia, além dos objetivos que envolvem esse objeto de estudo¹.

Desta forma, esse Trabalho tem como objetivo geral propor o emprego da Literatura de Cordel como recurso didático no ensino da Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Como objetivos específicos destacam-se: analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais como indicador para se trabalhar o

¹ Escrevo este parágrafo na primeira pessoa o singular por apresentar minhas experiências e motivações sobre o assunto discutido neste Trabalho de Conclusão de Curso.

tema “Pluralidade Cultural” nas aulas; Construir um folheto de cordel relacionado ao tema transversal a “Pluralidade Cultural”; Propor ao docente a utilização do recurso cordel para o desenvolvimento das aulas de Geografia.

Este trabalho corresponde a uma revisão literária abordando qualitativamente os elementos e implicações frente aos objetivos apresentados anteriormente. Nosso estudo teve como aporte metodológico a pesquisa bibliográfica acerca da Literatura de Cordel e sua associação ao ensino de Geografia. Segundo Lima & Minoto (2007, p. 38) a pesquisa bibliográfica “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Esta investigação de abordagem qualitativa e caráter descritivo procura apresentar alguns elementos acerca do gênero literário cordel, tendo em vista que ele ainda é pouco estudado, dificuldade apontada por Haurélio (2013, p.11) “A dificuldade em se apontar o marco inicial se deve em parte a escassez de referência bibliográfica [...]”.

Para o desenvolvimento desta investigação, realizamos o levantamento de referenciais teóricos que serviram de base para o desenvolvimento de nossa argumentação. Assim, foram utilizados três livros sobre a Literatura de Cordel, além de um artigo da Revista Brasileira de Educação em Geografia com o tema “o uso da Literatura de Cordel”.

Em seguida, foram feitas pesquisas bibliográficas sobre o ensino da Geografia. Selecionamos sete livros, seis artigos, além do PCN de Geografia do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, que trabalha os temas transversais, fazendo uma leitura interpretativa para relacionar com as ideias do objeto de estudo. Sendo assim a pesquisa bibliográfica ofereceu um suporte para aumentar seus conhecimentos, assim como na construção ou na definição dos conceitos que envolvem nosso objeto de estudo (LIMA & MIOTO, 2007).

A partir do tema transversal “Pluralidade Cultural”, foi elaborado um folheto de Cordel com o título “Saudade do meu sertão”. Sua proposta é demonstrar um pouco da cultura do Nordeste, em especial dos habitantes do interior dessa região que construíram ao longo da história uma forte identidade cultural, assim como abrir uma discussão em sala de aula sobre elementos da Geografia no cordel. Para a construção desse folheto do Cordel, foi utilizada a modalidade de *sextilha*, que são

estrofes de seis versos, rimados no segundo, quarto e sexto verso, que é a modalidade mais produzida pelos cordelistas.

A proposta do uso do cordel em sala de aula não foi experimentada em campo, pelo fato do autor dispor de apenas dois meses e meio para produzir este presente Trabalho de Conclusão de Curso. Entretanto, o objetivo foi uma proposta que pode ser realizada pelo docente, onde há a condição de utilizar a Literatura de Cordel como recurso didático nas aulas de Geografia.

Desse modo, mediante a pesquisa bibliográfica temos como intenção contribuir para exploração desse objeto de estudo nas aulas de Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e, conseqüentemente, motivar práticas, hipóteses e interpretações para a escola básica e professores/ pesquisadores interessados pelo tema. Sendo assim, propomos que a Literatura de Cordel pode ser um recurso didático, capaz de ser trabalhada na construção e no aprendizado dos conceitos geográficos.

A primeira e a segunda etapas tratam da fundamentação teórica, de forma que a primeira está subdividida em três partes: a primeira faz uma breve leitura do ensino da Geografia na visão do PCN; a segunda parte define a importância dos temas transversais do PCN para a Geografia escolar; a terceira parte demonstra o tema transversal “Pluralidade Cultural” como proposta para o ensino de Geografia.

A terceira etapa está subdividida em quatro partes: a primeira faz uma abordagem sobre o surgimento e a propagação da Literatura de Cordel na Europa; a segunda parte trata da chegada do cordel no Brasil, assim como, o crescimento desse gênero se espalhando por todo país, principalmente na região Nordeste; a terceira parte relata a contribuição do folheto na educação e na formação cultural de diversas pessoas que estavam envolvidas com o este gênero popular; a quarta parte demonstra a crise do cordel no Brasil, mais que essa crise foi importante para que o cordel chegasse à sala de aula através de alguns projetos.

E por fim a quarta etapa que está subdividida em três partes: a primeira traz a proposta de como a Literatura de Cordel pode auxiliar como recurso didático no ensino da Geografia; a segunda parte trata de como as categorias geográficas podem ser trabalhadas em um cordel em sala de aula; a terceira é a proposta da construção do cordel e a análise da temática, servindo de parâmetro para o docente desenvolver nas aulas de Geografia.

2 O Ensino da Geografia na óptica dos PCN

A Geografia escolar, de acordo com o PCN (BRASIL, 1998) tem como o objetivo oferecer ao professor possibilidades para auxiliar o discente construir suas espacialidades ao qual está inserida, fazendo conexões dos diversos lugares e estabelecendo uma relação temporal. Desta forma, a intenção é que essas construções se tornem efetivas na vida social dos indivíduos. A Geografia como componente curricular pode contribuir para uma formação de qualidade, como afirma Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p.38):

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que os alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia.

De acordo com a interpretação da ideia supracitada, para a compreensão desse objetivo foi necessária uma reflexão histórica do ensino da Geografia que passou por diferentes processos, construindo sempre novas concepções acerca das práticas de ensino. O primeiro momento foi institucionalização da Geografia escolar como matéria escolar. Esse fato ocorreu no ano de 1937, no programa de conteúdos do Colégio Pedro II, essa obrigatoriedade do ensino da Geografia foi uma investida para a propagação dessa matéria a ser ensinada nos colégios secundários do Brasil.

Até o final da década de 1970, a Geografia ministrada pelos os profissionais da época, era marcada pelo positivismo. Conforme o PCN (BRASIL, 1998) ela se pautava na busca de elucidações objetivas e quantitativas da realidade, baseados na forte influência de Vidal de La Blache, geógrafo da escola francesa. As concepções lablachiana deveriam ter o seguinte encaminhamento conforme Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p.44):

Observação de campo, indução a partir da paisagem, particularização da área enfocada (traços históricos e naturais), comparação das áreas estudadas e do material levantado e classificação das áreas e dos gêneros de vida em séries dos tipos genéricos, devendo chegar, no fim, a uma tipologia.

A partir de Vidal de La Blache as correntes da Geografia brasileira se ramificaram, e passaram a ser chamadas de Geografia tradicional entre os profissionais da Geografia atual. Seu papel era valorizar os aspectos físicos deixando um pouco de lado as relações humanas e suas espacialidades, ou seja,

existia uma nítida visão de distinção entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Não existia uma reflexão sobre uma abordagem temática relacionada ao estudo geográfico, e sim uma mera descrição das paisagens naturais e as produzidas pelos homens.

A metodologia de ensino e aprendizagem era baseado no livro didático, sendo o único recurso disponível na época, e que o professor era orientado para incentivar a valor de memorização do aluno no processo de aprendizagem, como aponta Albuquerque (2011, p.30):

Eram comuns os ceticismos que se caracterizavam por apresentar a pergunta do mestre em negrito, seguida pela resposta pronta do discípulo. Isto indicava uma prática muito comum à escola da época e que, ainda hoje, tem seus discípulos. Em geral a pergunta era composta de interrogação sobre a definição e um conceito relativo aos aspectos físicos ou naturais e/ou uma interrogação sobre os nomes de estados, capitais, países, cidades, rios, serras, montanhas, etc..

Nessa perspectiva os métodos e as teorias da Geografia Tradicional, estavam simplesmente fundamentados sem levantamentos empíricos e suas descrições, já não estavam atendendo as perspectivas de uma nova leitura do ensino da Geografia. Havia uma necessidade de realizar uma abordagem mais profunda no campo das relações humanas, que foram na medida da temporalidade se tornando mais complexa, principalmente no período da Guerra Fria, quando ocorreram muitas mudanças geopolíticas capazes de despertar o interesse geográfico. De acordo com o PCN (BRASIL, 1998), esse período foi marcado por grandes confrontos políticos e doutrinários: Socialismo x Capitalismo.

Todas as contradições espaciais citadas no parágrafo anterior, além das desigualdades sociais entre os países geraram muitas discussões e passaram a ser questionadas, criticando-se a Geografia tradicional que não discutia as práticas executadas pelo Estado e das classes dominantes, surgindo uma nova proposta baseada nas lutas sociais. Nasce a Geografia Marxista com a proposta de desenvolver no aluno suas próprias potencialidades na busca de não só descrever as categorias geográficas, mas também contribuir nas suas transformações.

A Geografia Marxista apesar de desenvolver discussões políticas em seus conteúdos, contribuindo de forma significativa na formação aluno, foi negligente conforme o PCN (BRASIL, 1998, p.22) “A Geografia Marxista por tachar de idealismo alienante qualquer explicação subjetiva e afetiva da relação da sociedade com a natureza que não tivesse a luta de classes como prioridade”. O que se

observa é que os parâmetros curriculares da Geografia propõem uma Geografia com características de dimensões mais abrangentes, partindo sempre da espacialidade e de suas interações “[...] de um conhecimento que transcendesse a subjetividade do imaginário”(BRASIL, 1998, p. 22) concepções essas que rompe tanto com o positivismo quanto com a Geografia Marxista.

O objetivo é por uma busca, por uma pluralidade, em que promova interações com outras ciências, como por exemplo, as ciências da Natureza, as ciências políticas, ciências sociais. De uma Geografia não voltada apenas as descrições empíricas das categorias geográficas, e também não só voltada de forma singular às questões políticas e econômicas do mundo; mas que se correlacione nas práticas entre a sociedade e os aspectos físicos ao qual está inserido no espaço, analisando as múltiplas interações. Além disso, buscando uma melhor transformação, para que o ensino da Geografia se torne responsável pelo processo de formação do indivíduo crítico que seja capaz de compreender sua realidade como um todo, e identificar as contradições coexistentes.

2.1 Os Temas transversais na Geografia escolar

No discurso dos Parâmetros Curriculares Nacionais encontram-se alguns direcionamentos que oferecem ao docente a possibilidade de desenvolver de forma sistematizada os temas transversais, com o intuito de gerar uma unidade no ensinoda Geografia ao qual afirma Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p.131):

[...] o MEC desenvolveu outro movimento no sentido de criar um currículo para todo território Nacional e propor algumas inovações inspiradas na reforma educacional da Espanha, sendo uma delas a introdução dos temas transversais.

Para propor uma melhor compreensão da realidade do espaço ao qual o aluno está inserido, é necessário a interação com outros componentes curriculares que compõem a educação básica, trabalhando em um contexto singular, e assim aumentando a possibilidade de adquirir mais conhecimento, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, como relata o PCN (BRASIL, 1998, p.41) “[...] estudar os lugares, territórios, paisagens e regiões propõe lançar mão de uma ampla base de conhecimentos que não se restringe aqueles produzidos dentro do corpo teórico e metodológico da Geografia”.

O objetivo é convidar as outras áreas do conhecimento a praticar de forma conjunta essa transversalidade, não fragmentando os conhecimentos disciplinares estudados, e sim na busca de uma melhor contextualização da sua realidade. Os temas transversais que o Ministério da Educação (MEC) atribuiu ao PCN foram: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e dos temas locais. Para a escolhas desses temas foram estabelecidos alguns critérios que de acordo com Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p.131) “urgência social, abrangência Nacional, possibilidade de inclusão no currículo de ensino fundamental e favorecimento à compreensão da realidade escolar e a participação social”. A partir dessas orientações, o professor terá a possibilidade de ir além aos conteúdos da Geografia escolar, pelo fato de não mais minimizar os conteúdos devido à falta de interação com outros componentes curriculares, tendo em vista que o professor poderá ter mais suporte teórico e metodológico para oferecer ao aluno uma melhor compreensão da realidade espacial, como enfatiza Ascensão & Valadão (2014, p.3)

[...]a professor de Geografia caberá o desenvolvimento de ações que contribuam para que os educandos compreendam as espacialidades produzidas a partir de interações entre o cotidiano dos educandos e a multiescalaridade, o que representa, enfim, interações entre os diversos e diferentes componentes espaciais².

Essas propostas podem ser caminhos que correspondam a melhor construção socioespacial, a partir da inserção dos temas ao qual o professor for desenvolver em sala de aula, todavia, os temas transversais por apresentar uma conjuntura mais abrangente, pode ofertar essa possibilidade de interação das disciplinas escolares, como por exemplo, a Pluralidade Cultural como proposta ao qual será abordado no próximo ponto.

2.2 A Pluralidade Cultural como proposta de transversalidade a partir do PCN de Geografia.

A Pluralidade Cultural são relações sociais que influenciam na configuração do espaço geográfico, a partir de suas próprias características e dos diferentes segmentos culturais que estão enraizados na sociedade. A proposta dos PCN é que o ensino da Geografia ofereça estratégias para o desenvolvimento e a

²Componentes espaciais podem ser de ordem física (hidrográficos, geomorfológicos, climáticos, pedológicos) ou de ordem humana (demográficos, urbanos, econômicos, culturais)

compreensão de suas práticas culturais, além de aprender e respeitar as práticas culturais de outros indivíduos com característica espacial distinta.

A cultura surge como proposta do PCN em relação aos temas transversais, trabalhando no contexto interdisciplinar, onde haja uma abertura de discussões e reflexões que envolvem múltiplos aspectos das relações sociais. De acordo com o PCN (BRASIL, 1998) “as relações da Pluralidade Cultural no contexto geográfico, é buscar explicar, entender, conviver com procedimentos, técnicas e habilidades desenvolvidas no entorno sociocultural e as particularidades de certos grupos sociais”.

Para uma melhor percepção da pluralidade cultural é necessária uma compreensão de várias características formadas e praticadas por um determinado povo em um espaço. Essas características são práticas como: ideologias próprias, crenças, mitos, rituais, hábitos alimentares, comemorações, vestis além de outros fatores que vão ganhando formas de acordo com tempo. Essas características apresentadas podem ofertar ao discente uma melhor concepção acerca da sua própria identidade, conforme enfatiza Callai (2005, p.242):

Reconhecer, enfim, a sua identidade e o seu pertencimento é fundamental para qualquer um entender-se como sujeito que pode ter, em suas mãos, a definição dos caminhos da vida, percebendo os limites que lhe são postos pelo mundo e as possibilidades de produzir as condições para sua vida.

Para o estudante conhecer sua própria cultura é necessário reconhecer o espaço ao qual está inserido. Com o suporte da interdisciplinaridade poderá haver uma maior probabilidade desse autoconhecimento e também da caracterização de outras culturas existentes. Podemos citar como exemplo, a realização de uma análise literária acerca de uma determinada cultura, em nosso caso a região Nordeste. A indicação seria uma leitura baseada na literatura de Cordel, que enfoca diversos temas do cotidiano da região.

Destarte, a Literatura de Cordel auxiliar na mediação do professor neste processo de reflexão do aluno, transformando a sala de aula em um lugar de discussões no contexto de práticas vivenciadas, conflitos e lutas do seu povo, além da valorização de sua história. A Literatura de Cordel é fascinante para chamar atenção do aluno, por serem contados em versos rimados os mais variados temas que pode ser estudado na Geografia e por poder retratar a vida e experiências especiais de crianças e jovens.

3 Trajetórias e Genesis da Literatura de Cordel

3.1 O surgimento da Literatura de Cordel na Europa

A Literatura de Cordel é um gênero literário produzido de preferência pelos escritores e poetas de forma rimada. De acordo com Haurélio (2010, p.13)

A Literatura de Cordel é a poesia popular herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento ou maravilhosos)

Os primeiros indícios sobre a literatura de folhetos de cordel são datados na Idade Média, onde os peregrinos relatavam suas aventuras percorridas pelos reinos europeus, e os poetas transformavam essas histórias em versos que eram acompanhados por instrumento musicais, todavia, esse gênero popular ganha espaço por todo o continente Europeu nas variadas línguas que se falavam na Idade Média.

Essa propagação na Europa serviu para que cada país obtivesse sua própria identidade no romanceiro popular, gerando suas formas e características de acordo com o espaço regional aos quais os poetas estavam inseridos, desenvolvendo e preservando a cultura popular local, principalmente em locais que recebiam peregrinos de toda a Europa Medieval. A França era o ponto estratégico de estada para as pessoas que almejavam viajar pelo Mar Mediterrâneo, assim como Roma e a Península Ibérica que não estavam sobre o domínio sarraceno. Estas regiões de grande fluxo e aglomerado de pessoas, demonstrando que no período Medieval a cultura da poesia popular já tinha ganhado seu espaço, devido a grande propagação dos poetas que declamavam sobre os inúmeros temas, dentre os quais: as histórias da nobreza europeia, da coragem e honra dos cavaleiros, além do cristianismo e da servidão dos camponeses.

3.2 A chegada do Cordel no Brasil

A Literatura de Cordel atravessa o Oceano Atlântico e chega ao Brasil em meados do século XVI. Conforme Haurélio (2010, p. 11):

A Literatura de Cordel, ou seu abstrato, chegou ao Brasil – ou à terra que depois seria assim denominada – a bordo das primeiras caravelas. É próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar

consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura.

O Brasil Colônia recebeu esse gênero literário oriundo de Portugal, assim como da Espanha durante o período da União Ibérica, e foi ganhando proporções maiores à medida que o processo de ocupação espacial ocorreu. Porém o que contribuiu para uma maior circulação dos cordéis foi à chegada da Família Real no Brasil. Ela foi responsável pelo implante da impressão régia em 1808 conforme relata Cascudo (2012, p.13):

[...] reimpressão dos antigos livrinhos, vindos da Espanha e Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, *Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, João de Calais, Carlos Magno e os Doze Pares de França*, além da produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada, fixando assuntos da época, guerras, política, sátira, estórias de animais, fábulas, ciclo do gado, caça, amores, incluindo a poetização de trechos de romances famosos tornados conhecidos, *Escrava Isaura, Romeu e Julieta, ou mesmo criações no gênero sentimental, com o aproveitamento de cenas ou períodos de outros folhetos esquecidos em seu conjunto.*

Ao passar do tempo a Literatura de Cordel no Brasil vai recebendo características próprias, principalmente na região Nordeste. Sobre isto afirma Viana (2010, p.10) “O que torna o nosso romanceiro bastante singular é influência da Civilização do couro, o ciclo do gado, que ensejou o aparecimento de cangaceiros, vaqueiros e cantadores”. Desta forma, os poetas e cantadores começaram a utilizar esse instrumento para externar além dos temas citados por Viana, outros temas de bastante repercussão como desigualdades sociais, religiosidade, misticismo com características do espaço regional ao qual estavam encravados.

A Literatura de Cordel no Brasil vai se tornando uma poesia popular, com características da Região Nordeste e herdeira do romanceiro luso, que de acordo com o pesquisador em Literatura de Cordel, Haurélio (2010, p.16):

A literatura de Cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e em linhas gerais da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo Brasil e pelas muitas diásporas sertanejas, refiro-me, evidentemente, a literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas também, espelho social do seu tempo.

Os primeiros grandes nomes do cordel brasileiro que iniciaram nesta cultura foram os Paraibanos: Leandro Gomes de Barros, nascido no dia 19 de novembro de 1865 no município de Pombal (PB). Ele é considerado, para Haurélio (2010, p.20) “o

pai de Literatura de Cordel brasileira” pelo fato de explorado e gerado novas formas que se perduram até os dias de hoje, sua trajetória no gênero popular teve início quando escreveu o romance *A Mulher Roubada*, faleceu no dia 4 de março de 1918 na cidade do Recife (PE).

Outro cordelista é Francisco das Chagas Batista, nasceu na vila de Teixeira (PB), em 05 de maio de 1882, seu primeiro folheto dos diversos escritos foi, *Saudades do Sertão*, também fundou a livraria editora popular na cidade de João Pessoa (PB) onde permaneceu até sua morte em 26 de janeiro de 1930. João Martins de Athayde, nascido em um povoado de Ingá de Bacamarte (PB), em 23 de junho de 1880, seu primeiro folheto foi impresso em 1908 com o tema *Um preto e um branco apurando qualidades*, escreveu inúmeras obras quando migrou para Pernambuco, onde faleceu na cidade de Limoeiro (PE) em 1959. Silvino Pirauá nasceu em 1848 no município de Patos (PB) até hoje é conhecido como “o enciclopédico” pelo fato de suas obras serem mais longa de que o cordel popular. Ele faleceu em 1913, vítima de varíola na cidade de Bezerros (PE). Esses foram grandes disseminadores da poesia popular.

O cordel brasileiro firmou-se de fato no final do século XIX, com o surgimento das primeiras tipografias na região Nordeste, além dos temas variados e de uma métrica admirável. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel apresenta algumas dessas modalidades que poderia ser escrito: em *parcela* (versos com quatro e cinco sílabas), *sextilhas* (estrofes de seis versos, com o segundo, o quarto e o sexto versos rimando entre si), *setilhas* (são estrofes de sete versos com sete sílabas poéticas), *oitava ou oito pés de quadrão* (são estrofes de oito versos com setesílabas poéticas, o diferencial e a rima entre o quinto e oitavo verso). *Décimas* (estrofes de dez versos com sete sílabas poéticas), *martelo agalopado* (a estrofe tem que ter dez versos de dez sílabas), *galope a beira mar* (são versos com onze sílabas), meia quadra (estrofes com versos de quinze sílabas), essas modalidades na Literatura de Cordel é uma singularidade dos poetas brasileiros que foram sendo constituídas ao longo do tempo.

Desta forma a Literatura de Cordel no Brasil foi se tornando fascinante, por abordar diversas características da poesia da cultura brasileira, em especial do Nordeste, com o traço significativo da cultura portuguesa.

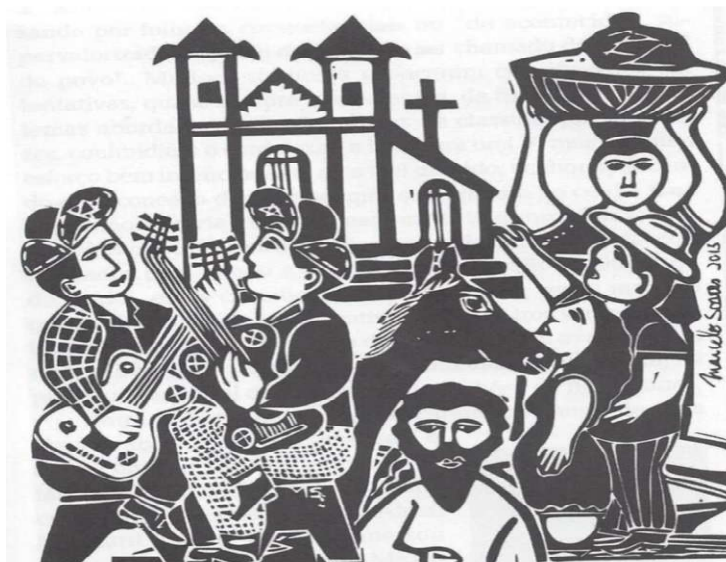
A xilogravura no cordel também é uma marca de suma importância para chamar a atenção do leitor, haja vista que a partir dessas ilustrações na capa do

folheto, o cordelista difunde a sua temática. Esta arte só começa a ter destaque na Literatura de Cordel brasileira a partir da década 1920 conforme Haurélio (2013, p. 81) afirma:

Os primeiros cordéis trazem capas vinhetadas. Os de Leandro Gomes de Barros quando não são revestidos por “capas cegas”, trazem vinhetas e adornos. Depois João Martins de Athayde, a partir da década de 1920, passa a recorrer a ilustrações e a clichês que reproduziam imagens de cartão postal.

A xilogravura era produzida de início de maneira rudimentar, de forma que a figura desejada pelo cordelista era esculpida em madeiras, e com a introdução da tinta era transferido para o folheto, conforme representa a figura 1.

Figura 1. Exemplo de Xilogravura das capas do Folheto de Cordel



Fonte: Haurélio (2010, p.55).

Com o surgimento das diversas tipografias no Brasil essa técnica mecanizou, melhorando a qualidade da ilustração, e oferecendo a possibilidade da policromia que foi utilizado por diversos poetas. Nos dias atuais com o advento da era digital, abre também as portas para uma um novo formato de xilogravura por intermédio do formato digital. Todas essas formas estão disponíveis para a produção dos cordéis, e que independentemente da escolha de como a xilogravura vai ser produzida, o que deve ser valorizado é o gênero literário.

3.3 A contribuição da Literatura de Cordel para educação social

Esse gênero literário serviu como um grande instrumento de alfabetização assim como na formação cultural, haja vista que no auge da Literatura de Cordel uma grande parte da população não sabia ler, tampouco escrever. O Cordel foi um dos grandes responsáveis pela alfabetização de diversas pessoas principalmente no Nordeste como afirma Viana(2010, p.12):

O “PROFESSOR FOLHETO”, como é chamado no NORDESTE, foi responsável pela alfabetização de milhares e milhares de brasileiros. Na primeira metade do século XX, quando cerca de 70% da população ainda vivia mergulhada no poço do ANALFABETISMO [...] São inúmeros os intelectuais e artistas nordestinos que testemunham a importância da Literatura de Cordel na formação cultural, principalmente como ferramenta auxiliar no processo de alfabetização.

A Literatura de Cordel se dissemina como grande incentivador do desenvolvimento social, tendo em vista que todos os lugares em que ocorriam as leituras do romanceiro popular existiam sempre um público participativo a prestigiá-lo. Esse tipo de lazer e divertimento também era capaz de contribuir no processo de informação, pelo fato de que muitas das temáticas apresentadas nos Cordéis faziam parte do cotidiano daquelas pessoas, gerando muitas oportunidades de debates acerca de temas como: política, desigualdade social, a seca do Nordeste, dentre outras.

O gosto por esse gênero literário incentivou ouvintes a aprenderem a ler e a escrever, e a partir desse crescimento de leitores, a procura pelos folhetos de Cordéis foi aumentando. Essa demanda contribuiu para o surgimento de várias tipografias como a de São Francisco em Juazeiro de Norte (CE), Estrela da Poesia sediada em Campina Grande (PB), Editora Luzeiro sediada em São Paulo (SP), além de outras espalhadas no Brasil. O folheto de Cordel viveu um grande momento até o final da década de 1950, pelo fato do país ter uma maior parte da população na zona rural, assim como a dificuldade de novos modelos de informação chegar até o campo.

A partir da década de 1960, o romanceiro popular começa a entrar em declínio por diversas crises internas relacionadas ao desaparecimento de uma geração de grandes autores da poesia de Cordel, e externas relacionada às crises na economia Nacional. Destaca Haurélio (2013) que com as crises econômicas naquela época muitas tipografias tiveram que fechar suas portas pela falta da produção regular do

folheto. Além das crises econômicas, os novos meios de comunicação já estavam ganhando espaço e tentando também estabelecer novos atrativos para o público. Os jornais impressos aumentaram suas demandas na produção, e o rádio e a televisão que passou a oferecer ao povo um novo meio de comunicação moderno, estes facilmente chegaria às casas dos ouvintes e telespectadores notícias de repercussão nacional, além das telenovelas que foram o grande poder de atração e concorrente direto com os folhetos de Cordéis.

3.4 A chegada do Cordel na sala de aula

A Literatura de Cordel desde o seu surgimento, sempre contribuiu como instrumento de incentivo a leitura, a alfabetização, assim como na socialização da população brasileira, em especial a do Nordeste. A partir da década de 1980 esse gênero literário entra em crise. Outro fator que pode ter influenciado na crise do Cordel, foi à falta de público, tendo em vista que esse gênero tinha uma forte concentração de simpatizantes na zona rural.

No Brasil esse período ao qual afirma Viana (2010), a população na zona urbana já era superior ao da zona rural conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essas mudanças sociais foram importantes pra uma nova visão acerca da Literatura de Cordel, que conforme Haurélio (2010, p.93) “Em 2000, Arievaldo Viana ministrou as primeiras palestras do projeto Acorda Cordel na Sala de Aula, com o objetivo de levar os folhetos para a escola como ferramenta auxiliar”.

Esse projeto surge como uma proposta de revitalização do folheto de Cordel, além de instrumento no processo de alfabetização de crianças, jovens e adultos, assim como no Ensino Fundamental e Médio. O material disponível para o professor utilizar na sala de aula conforme Viana (2010, p.21):

O “kit” é composto por uma caixa de folhetos, contendo 12 obras de diferentes autores, acompanhada deste livro (espécie de manual do professor) e de um CD com 10 poemas e canções interpretados pelos cantadores Mestre Azulão, Geraldo Amâncio, Zé Maria de Fortaleza e Judivan Macêdo. O livro traz informações sobre as origens da Literatura de Cordel, suas regras e modalidades e contém um curdo prático de Literatura de Cordel com inúmeras dicas para os educadores.

Esse projeto a partir de 2006 vai aumentando de proporção, chegando a ficar conhecido internacionalmente, através de palestras, apresentações e simpósios fora do país. Segundo Viana (2010), esse material vem sendo adquirido por secretarias

de educação, escolas, bibliotecas ou por iniciativa dos docentes, de diversos lugares do Brasil. Outro grande incentivador do Cordel em sala de aula foi o poeta pernambucano Manuel Monteiro da Silva, radicado em Campina Grande (PB) conseguiu implantar nesta cidade um programa editorial vinculado com a Secretaria de Educação do Município. Segundo Haurélio (2010, p.95):

[...] o trabalho de Monteiro e de outros autores tem rendido belos frutos: as obras *História da donzela Teodora*, *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros e *O pavão misterioso*, de José Camelo de Melo Resende, foram indicados para o vestibular da Universidade Estadual da Paraíba. Em 2006 e 2007.

Desta forma a Literatura de Cordel chega à sala de aula como um recurso que pode auxiliar o professor a estimular o aluno a leitura, e a partir dela haver uma compreensão acerca de sua realidade. Esse gênero literário é uma ótima ferramenta pelo fato de seus temas serem contados em versos rimados, podendo ser lido ou cantado, chamando a atenção do aluno para uma reflexão que possa contribuir na sua formação social, assim como uma importante valorização cultural.

4 Proposta do gênero Literatura de Cordel em sala de aula

Consideramos que o uso do gênero da Literatura de Cordel pode auxiliar as práticas metodológicas realizadas pelos professores em sala de aula. Essas práticas podem interferir na aprendizagem e no interesse dos alunos em sala de aula. De acordo com Martins (2011, p.67):

O estudo da Geografia deve ser prazeroso e relacionado com as experiências concretas do mundo real vivido pelo aluno no seu espaço cotidiano, pois assim a sala de aula se torna um ambiente de vivências pedagógicas significativas, que contribuem para promover o desenvolvimento cognitivo.

Outros autores que concordam com esta perspectiva são Menezes & Chiapette (2015), de acordo com eles esse gênero popular pode ser um meio de estimular a identidade cultural regional, e que essas características humanísticas (sociais, culturais e políticas), ganhem um significado e uma valorização, além de permitir uma compreensão espacial e suas vivências, podendo propiciar uma boa aprendizagem.

Percebe-se que a Literatura de Cordel pode oferecer uma nova visão acerca das espacialidades ao qual o aluno está inserido, diante da sua realidade, assim

como da valorização de sua cultura, como afirma Menezes & Chiapette (2015, p. 247):

Ao tratar das vivências mais autênticas do povo, a Literatura de Cordel reafirma os valores da cultura nordestina, e do ponto de vista da Geografia nos permite perceber a materialidade de um espaço rico de significados e um campo fecundo para a reflexão e ensino desta disciplina.

Desta forma, percebemos que o folheto de Cordel, poder oferecer vários benefícios como recursos didáticos, pelo fato de suas abordagens temáticas na sua grande maioria se aproxime da realidade do aluno. Tendo em vista que o romanceiro popular se aproxima da linguagem habitual dos alunos principalmente os que habitam a região Nordeste, podendo facilitar a compreensão dos folhetos.

Outro fator importante que o professor deve observar quando for trabalhar com esse recurso segundo Menezes & Chiapette (2015), é que

[...] faz-se necessária antes de tudo uma análise mais profunda do contexto em que os versos foram criados, pois, o cordel sendo um produto de uma época e de um lugar pode ser um meio de vinculações ideológicas desnecessárias ou impróprias para o espaço escolar.

Destarte, a Literatura de Cordel como recurso metodológico para o ensino da Geografia se enquadra nas orientações dos PCN, que obtiva um desenvolvimento do aluno de forma crítica, sendo capaz de construir novas concepções acerca de sua realidade, respeitar as diversidades dos indivíduos de acordo com suas espacialidades.

Consequentemente, entendemos que a sala de aula é um ambiente muito complexo, para o professor é um grande desafio trabalhar com as particularidades de cada aluno, que de acordo com o PCN (1998, p.133) “Cada pessoa representa um mundo de experiências vividas diferentes. Isso significa dizer que, na leitura e compreensão desses, cada um interagirá de forma diferente”. Assim é interessante que o professor busque por uma diversificação de recursos didáticos, para atender as necessidades dos alunos em sala de aula. Desta forma a Literatura de Cordel pode ser um recurso didático no ensino da Geografia.

Vale salientar que a proposta do cordel como recurso didático no ensino da Geografia não é desprezar o livro didático, e sim trabalhar junto com o cordel. Desse modo antes de utilizar o folheto é necessário o professor fazer uma introdução do conteúdo utilizando o livro didático. Depois fazer o uso do cordel, com uma leitura coletiva em voz alta para estimular a preservação da tradição que era transmitida por meio da linguagem oral.

O folheto de Cordel por apresentar uma linguagem rimada, pode ser que facilite a compreensão dos alunos, no sentido de interagir com suas vivências e práticas do seu cotidiano, que de acordo com Cavalcante (1998, p.162):

Levar em conta o mundo vivido dos alunos implica aprender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado, o que pode vir junto com outras ações, como, por exemplo, as atividades de observação.

Antes de utilizar esse recurso na aula de Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental, é necessário que o professor apresente aos alunos a importância desse gênero literário, de forma que fique claro o que eles irão ler. Cabe também ao professor uma análise dos Cordéis para saber trabalhá-los em uma linguagem acessível para a faixa etária desses alunos.

Deste modo é necessário que a Literatura de Cordel como recurso didático seja bem planejada, para que venha despertar o interesse do aluno e, por conseguinte, poder facilitar a compreensão dos conteúdos que estão inseridos na Pluralidade Cultural, que é um dos temas transversais propostos pelo o PCN de Geografia do Ensino Fundamental. Para a utilização da Literatura de Cordel em sala de aula o primeiro passo do professor é optar por uma construção do folheto ou fazer um levantamento de Cordéis que tenha relação com o conteúdo trabalhado.

Para desenvolver a linguagem da Geografia na Literatura de Cordel é importante que o professor provoque uma integração conceitual das categorias geográficas dentro da estrutura do Cordel. De acordo com o PCN (1998, p.55) “Para começar a trabalhar espaço, território, região, paisagem e lugar como categorias imprescindíveis para a explicação e compreensão na análise geográfica, deverá instigar o aluno a querer saber como o olhar geográfico poderá contribuir para ajudar a desvendar a natureza dos lugares e do mundo como hábitat do homem”.

A Literatura de Cordel dispõe de acervo riquíssimo que foi construído ao longo de sua História. Essa diversidade de folhetos com os mais variados temas pode ser que contribuía em sala de aula, pelo fato do professor poder trabalhar uma linguagem voltada ao ensino da Geografia, como por exemplo, sistematizar essas categorias geográficas mencionadas pelo PCN.

4.1 As categorias geográficas no Folheto de Cordel

Sabemos que a espacialidade do fenômeno geográfico é a principal característica do ensino da Geografia (ASCENÇÃO & VALADÃO, 2014), e que a partir da compreensão espacial o aluno poderá realizar análises das transformações, organização e reorganização considerando seus conhecimentos e necessidades cotidianas. Desse modo, a Literatura de Cordel pode auxiliar pelo fato de dispor de uma diversidade de produções dos mais variados temas, como por exemplo, desigualdade social, política e cultura regional. E que essa diversidade possa assimilar ao cotidiano dos alunos. Trabalhar a categoria região no Folheto de Cordel pode ser bastante prazeroso, principalmente para os alunos que habitam na região Nordeste, que é considerado o berço desse gênero popular. Na concepção de Cavalcante (1998, p.103) “a região é um instrumento de divisão do espaço”. Dessa forma entendemos que a Literatura de Cordel pode ser um ótimo recurso didático para compreender o processo de regionalização.

Em uma análise espacial dentro da Literatura de Cordel podem também ser compreendidos os conceitos de paisagem, território e lugar como objetos das transformações sociais. A paisagem é um reflexo de todas as alterações naturais e das produções humanísticas. Partindo desse pressuposto, percebemos que o Cordel pode desenvolver o imaginário do aluno. Tanto na observação da xilogravura do folheto, como na leitura do romanceiro popular. Logo, a categoria lugar que está estritamente ligada ao espaço vivido, ou seja, é toda construção social que ao longo da história estabelece uma identidade e afetividade dos indivíduos no espaço ao qual estão inseridos, que de acordo com Callai (2005, p.235) “É no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar”.

Sendo assim o professor pode utilizar o Cordel para trabalhar as categorias geográficas com os alunos em sala de aula, e ajudá-los a compreender seu espaço vivido “[...] olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como um momento instantâneo da história que vai acontecendo” (CALLAI, 2005, p.235).

4.2 A proposta da construção do Cordel a partir do professor

Para a construção do folheto do Cordel, o professor poderá utilizar de várias modalidades existentes desse gênero popular. Dessas modalidades o que é mais produzido pelos cordelistas é a *sextilha*, que são estrofes de seis versos, rimados no segundo, quarto e sexto verso. A partir do tema transversal a Pluralidade Cultural, foi elaborado um folheto de Cordel, com a proposta de demonstrar um pouco da cultura do Nordeste, em especial dos habitantes do interior dessa região que construíram ao longo da história uma forte identidade cultural.

Saudade do meu sertão

1

Foi um tempo muito bom
Que guardarei no coração
Não custa nada recordar
Do meu querido sertão
Lugar aonde tive que deixar
Pra de fome morrer não

2

Tive que ir embora
Por que a chuva não chegou
Era angustia e agonia
Pois a seca prolongou
O gado morreu de sede
E a comida se acabou

3

Juntei as tralhas que tinha
E partir num pau-de-arara
Cum a muié e seis meninos
No caminho nós chorava
Por deixa aquela terra
Que tanto nós amava

4

Fui morar na cidade
Aonde tudo é diferente
Correria e trabalho
De um povo impaciente
Que num dá nem bom dia
Diferente lá da gente

5

O que resta só agora
É lembrar do meu sertão
Onde guardo na memória
A minha linda região
Que através desse cordel
Vou falar com emoção

6

Chegava o mês de março
E as preces começava
Pra o nosso São José
Se chuva ele mandava
E se caso acontecer
O plantio iniciava

7

A vida era simples
Trabalhava o dia todo
O sol que castigava
E marcava o meu rosto
Mas homem forte e de fé
Era marca de esforço

8

O dia mal aparecia
E o galo já cantava
O leite da vaquinha
Logo cedo já buscava
No café cuscuz com leite
E prato de coalhada

9

Depois da comilança
 Ia simhora pra lavoura
 Cinco léguas de distância
 A caminhada era boa
 Vê a beleza do sertão
 Que amarei a vida toda

10

Chegava na lavoura
 O trabalho era pesado
 Preparava o lerão
 Já estava acostumado
 Pra plantar feijão e milho
 Que saudade do roçado

11

Dava anoitecer
 Era hora de voltar
 Tinha medo do caminho
 Essa estória vou contar
 De um pé de barriguda
 Cheio de alma pra assustar

12

Na porteira lá de casa
 O medo logo passava
 Avistava meus meninos
 Que no terrero brincava
 Era tanta estripulia
 Quando me via me abraçava

13

A cansera era grande
 O banho de cuia fui tomar
 A janta já tá na mesa
 É a hora de rezar
 Agradecer o alimento
 Para nunca se acabar

14

Era hora de dormir
 Apagava o lampião
 Menino pedindo “abença”
 Que Deus te dê benção
 Que saudades eu tenho
 Do meu querido sertão

15

Outra lembrança boa
 Era festa da padroeira
 Pavilhão cheio de gente
 Forró a noite inteira
 Só não dançava o padre
 O resto na bagaceira

16

E quando era mês de junho?
 Tinha festa o mês inteiro
 Primeiro Santo Antônio
 No final era São Pedro
 O do meio São João
 Que andava com cordeiro

17

Balão colorindo o céu
 Fogueira pra todo lado
 Gente fazia adivinhação
 E comendo milho assado
 Meu avô pisando em brasa
 É fé dos antepassados

18

Terminava o mês de festa
 Sempre com muita alegria
 Quando inverno era bom
 Tinha chuva todo dia
 Tão boa era a colheita
 O que sobrava nós vendia

19

Lembrança quando é boa
 Guardo por inteiro
 A sobra da colheita
 Levava com os tropeiros
 Vendia pelas feiras
 Pra ganhar mais um dinheiro

20

Chegava lá na feira
 Aquilo que é mundo
 Beleza diferente
 Um lugar que tem de tudo
 Galinha, bode, peba
 Cachaçaparafuso

21

Lembrança mais profunda
 Ali me emocionava
 Via o povo reunido
 E só um homem declamava
 O romance do cordel
 Aonde sempre eu chorava

22

Na volta para casa
 Lembro e não me engano
 A mulher e os meninos
 Ficava esperando
 Era muita alegria
 Me ver sempre voltando

23

O folheto de cordel
 É cultura popular
 O verso sempre rima
 E o poeta a declamar
 Diversos são os temas
 Pra o leitor apreciar

24

Essas são lembranças
 Que tenho do sertão
 História de um povo
 Que merece atenção
 Riqueza cultural
 Que guardo no coração

Fonte: Stherfferson José Barbosa da Silva (out. de 2016).

A escolha desse tema para o cordel foi para demonstrar um pouco da vida cotidiana do nordestino, que vive em um espaço repleto de manifestações culturais. Esse cordel mostra o apreço do povo do Nordeste por esse lugar, onde mesmo tendo que partir para outras regiões do país diante das dificuldades sociais encontradas, preservam todas as vivências no seu imaginário aonde quer que estejam. Sendo assim o modo de vida do personagem do cordel caracteriza algumas dessas vivências e práticas culturais, e que a partir de desse tema proposto nesse cordel, o professor possa em sala de aula proporcionar discussões e debates acerca dos conteúdos que convergem com o tema transversal Pluralidade Cultural.

A leitura desse cordel vem repleta de diversos aspectos da região Nordeste, principalmente da forte influência da cultura desse povo. O tema desse Cordel é baseado na vida de grande parte da população nordestina, que o convive com grandes períodos de estiagem, onde os fatores climáticos dessa região contribuem decisivamente na vida desse povo.

Sabemos que a região Nordeste tem um dos menores índices pluviométricos do Brasil, e que traz como consequência pobreza e fome. Nas quatro primeiras estrofes, o cordel descreve a escassez da chuva, e do fenômeno chamado êxodo rural, que é a saída de famílias da zona rural para as cidades, em busca de melhores condições de vida. Esse tipo de migração na maioria das vezes se tornam frustrantes, pelo fato da maioria dessas famílias não ter qualificação para corresponder às necessidades do mercado de trabalho das grandes cidades.

A partir da quinta estrofe o cordel discute sobre a cultura regional, que é fruto de uma interação contínua das pessoas pertencentes do sertão do Nordeste. Da sexta à décima estrofes o cordel apresenta o cotidiano do povo sertanejo, que apesar de ser marcado por dificuldades, existe uma ligação prazerosa com o lugar, além de uma forte influência religiosa capaz de intervir na vida social daquele povo. O interessante é que mesmo com o processo de migração dessas famílias para outras regiões, ficam as lembranças da paisagem na memória, pois “[...] a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica” (CORRÊA & ROSENDAHL, 1998, p.9). Destarte, o sentimento e a ideia de pertencimento aquele lugar permanece na memória, pelo fato de que “[...] lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do experienciado” (CAVALCANTE 1998, p.89).

Da décima primeira a décima quarta estrofes a abordagem é sobre a estrutura familiar. Que grande parte dessa população vive da agricultura de subsistência, dividindo o espaço em meio a uma vegetação de Caatinga que tem grande predominância no Sertão nordestino. Grande parte das famílias nordestinas é marcada pelos grandes índices de natalidade, isso é consequência dos poucos investimentos em políticas públicas. Onde sabemos que ainda existem as práticas coronelísticas herdadas do período colonial, e que essas práticas manipulavam esse povo que na sua maioria é carente de educação.

Da décima quinta até o final do cordel demonstra um conjunto de práticas expressadas em festas, danças, superstições do povo desta região, ou seja, aborda essa rica cultura que foi construída ao longo da história, feita esse povo marcado por lutas, dificuldades, adaptações a esse ambiente, mas que revela um presente rico, ao qual devemos ter a responsabilidade para preservar essa riqueza cultural.

Sendo assim a construção do cordel partindo do professor, pode facilitar a compreensão dos alunos, pelo fato de conhecer um pouco da realidade de cada um. Essa proximidade faz o professor perceber as dificuldades dos alunos em relação ao conhecimento geográfico. Deste modo, a produção do Cordel pode oferecer um suporte para suprir essas necessidades em sala de aula. Sendo assim a construção do espaço pode ser compreendido pelos valores da cultura do Nordeste, e que a Literatura de Cordel auxilie como um recurso didático para o ensino da Geografia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

São grandes os desafios encontrados pelos professores de Geografia na sala de aula, e que a complexidade dos conteúdos, assim como as práticas de ensino baseadas na Geografia tradicional pode desinteressar o aluno no processo de aprendizagem. Desse modo, é preciso que o professor seja inovador, procurando sempre inserir novos recursos nas aulas de Geografia, para atrair e motivar o aluno na busca do conhecimento.

A proposta da Literatura de Cordel para o ensino da Geografia pode ser uma excelente ferramenta para o professor despertar o interesse do aluno pelo componente curricular, assim como contribuir para uma reflexão acerca do lugar ao qual está inserido, a partir de suas vivências. É sabido que o folheto de cordel sempre contribuiu no processo de educação, onde foi responsável pela

alfabetização de diversas pessoas, que aprenderam a ler através do romanceiro popular, além da sua contribuição do social, onde parte dos temas dos cordéis fazia parte do cotidiano da população brasileira, principalmente do nordestino.

Destarte, fica a proposta da Literatura de Cordel como recurso didático no ensino da Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, pelo fato desse gênero popular apresentar uma linguagem que pode o aluno fazer uma leitura de crítica a partir de sua realidade, partindo de uma compreensão espacial local para um entendimento global. Assim, a Literatura de Cordel possibilita uma leitura espacial prazerosa nas aulas de Geografia e pode possibilitar a reflexão entre os conhecimentos científicos trabalhados pelo professor e seus conhecimentos cotidianos articulados com a leitura e produção de cordéis.

ABSTRACT

SILVA, Stherfferson José Barbosa da. **THE LANGUAGE OF THE APPEAL AS CORDEL LITERATURE TEACHING IN GEOGRAPHY EDUCATION YEARS FINAL ELEMENTARY SCHOOL.** Article (Graduation) UEPB. Campus I, CEDUC. Department of Geography. Full Degree in Geography. Campina Grande-PB, 2016, 32 p.

This article aims to present the use of Cordel Literature as a teaching resource for geography lessons as a proposal for the teacher of Geography of the final years of elementary school. Proposition that can make the most pleasurable Geography classes, trying to break with teaching geared only to memorization and description of the contents in the classroom. The literature on the Cordel literature showed how this popular genre contributed to the Brazilian people education process, both in literacy so, as in the citizenship contribution, by addressing topics such as politics, social inequality, among others that are part of everyday socio-spatial practices. Thus, the line booklet is firm in our humanistic relations, as well as the geographic space. Soon its use as a teaching tool in the classroom can contribute to the teaching of Geography, as well as maintenance and enhancement of the popular northeastern culture.

Key-words: Cordel Literature. Geography Education. Northeastern Culture.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Aldaiza Martins de. Dois momentos na história da geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.

ASCENÇÃO, Valéria Roque; VALADÃO, Roberto Célio. **Professor de Geografia: entre o estudo do fenômeno e a interpretação da espacialidade do fenômeno**. In: **anais...** XIII Coloquio Internacional de geocrítica El controldeespacio y losespacios de control. Barcelona, 5 al 10 mayo de 2014. p. 01 – 14.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>>. Acesso em: 26 ago.2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Globo, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Breve história da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimento metodológico na construção do conhecimento científica: a pesquisa bibliográfica**. *Rev. Katál*. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37 – 45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>Acesso em: 16 set. 2016.

MARTINS, Rosa E. M.W. A trajetória da Geografia e o seu ensino no século XXI. In: MARTINS, Rosa E. M.W. etall. (orgs.). **O ensino da Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.p. 61-75.

MENEZES, Welber Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. O ensino de Geografia na contemporaneidade: o uso da literatura de cordel. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 10, p. 235-257, jul./dez., 2015. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/267/170>>. Acesso em: 17 set. 2016.

NOBRÉGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica: ensaios sobre o imaginário cultural e literário**. 21. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomokolyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed, São Paulo: Cortez, 2009.

VIANA, Arievaldo. Cordel: da feira à sala de aula. Origens da literatura de cordel. Literatura decordel eescola. **Salto para o futuro**. Ano xx, boletim 16, outubro de 2010. p. 20 – 27.

_____. Origens da literatura de cordel. Literatura decordel eescola. **Salto para o futuro**. Ano xx, boletim 16, outubro de 2010. p. 04 – 07.